A BELA ADORMECIDA

ARTHUR RACKHAM

SESI-SP editora

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

A BELA ADORMECIDA

ARTHUR RACKHAM

SESI-SP editora

A BELA ADORMECIDA

SESI-SP editora

Conselho Editorial
Paulo Skaf (Presidente)
Walter Vicioni Gonçalves
Débora Cypriano Botelho
Neusa Mariani

ISBN 978-85-504-0108-9

SESI-SP Editora
Avenida Paulista, 1.313, 4º andar
01311-923, São Paulo - SP
Tel. (11) 3146.7308
editora@sesisenaisp.org.br

A BELA ADORMECIDA

AUTOR · C· S· EVANS
ILUSTRADOR · ARTHUR · RACKHAM

TRADUTOR · FERNANDO PAZ
SÃO PAULO · 2015

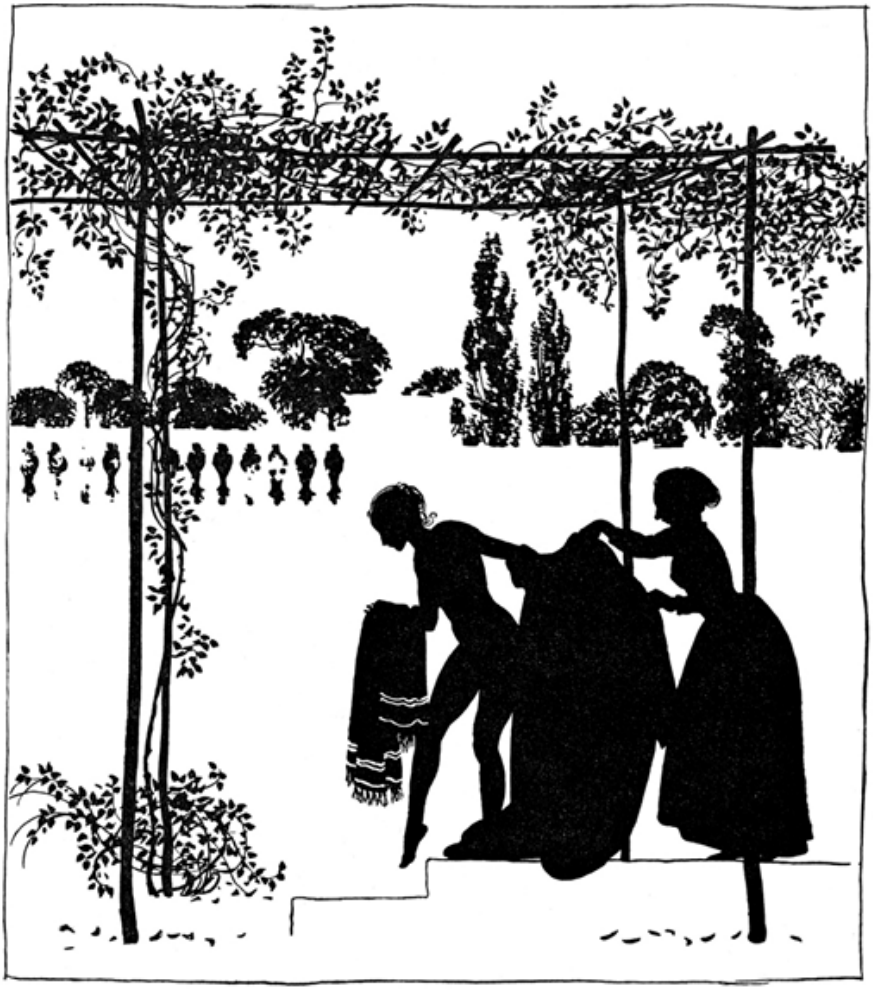
Capítulo I

Era uma vez um rei e uma rainha muito infelizes porque não tinham filhos. Tudo o mais que seus corações poderiam desejar eles tinham. Eram ricos. Viviam em um palácio maravilhoso, repleto de tesouros incalculáveis. Seu reino vivia em paz e seu povo era próspero. Mas nada disso os contentava porque queriam uma criança para amar e cuidar, e embora fossem casados havia muitos anos, nenhuma criança nascera dessa união.

Todos os dias, o rei olhava para a rainha e dizia: “Ah, se pelo menos tivéssemos um filhinho!”, e a rainha olhava para o rei e suspirava, e ambos ficavam muito tristes. Então, punham suas coroas de ouro e sentavam-se lado a lado em seus tronos, enquanto cavalheiros, damas e embaixadores de outras terras vinham render suas homenagens, e eles tinham que sorrir por pura cortesia, mas em seus corações não havia alegria. E essa é uma das maiores desvantagens de ser rei ou rainha, o fato de ter sempre que esconder seus sentimentos.

Um dia, a rainha foi tomar banho. Tendo dispensado as aias, desceu os degraus de mármore até a água e começou a brincar ociosamente com algumas pétalas de rosa silvestre que tinham caído na água. De repente ouviu uma voz rouca que disse: “Ó, rainha, alegrai-vos, pois vosso mais precioso e íntimo desejo será realizado”.

“Quem disse isso?”, gritou a rainha, um pouco assustada porque não viu ninguém.



“Olhai para trás”, disse a voz rouca, “e não temais, pois venho apenas para trazer boas-novas.”

Então a rainha olhou para trás e uma enorme rã estava olhando para ela, com seus grandes olhos redondos.

A rainha tinha medo de rãs, por serem frias e pegajosas, mas era muito gentil por natureza e educação, e não demonstrou sua aversão, embora não pudesse evitar recuar um pouco.

“Está me dizendo, senhor rã”, disse ela, “que meu desejo mais íntimo será realizado, mas o senhor sabe que desejo é esse?”

“É ter um filhinho todo vosso”, disse a rã, e a rainha concordou.

“Muito bem”, prosseguiu a rã, “vedes as folhas verdes da amendoeira naquele galho ali à janela?”

“Vejo”, respondeu a rainha, curiosa.

“Aquelas folhas verdes irão perder a cor”, disse a rã, “e os ventos do inverno irão derrubá-las com seu sopro. Então, o galho ficará nu,

mas na primavera, antes que as folhas brotem, ficará coberto de flores cor-de-rosa, e essas flores vós ireis mostrar a um bebê deitado em vosso colo.”

A rainha soltou um grito de alegria. Um raio de sol atravessou as árvores, ofuscando seus olhos, e ela teve que fechá-los por um instante. Quando abriu novamente, a rã havia desaparecido, e nada mais havia para ser visto, além das delicadas pétalas de rosa que flutuavam na superfície das águas.

Capítulo II

Essas foram as ótimas notícias trazidas por uma rã que ninguém sabe de onde veio e ninguém sabe para onde foi. Mas a rainha acreditava que a profecia iria se realizar, e ela estava certa, pois, quando a primavera novamente chegou e as flores da amendoeira ficaram cor-de-rosa no galho, ela deu à luz uma filhinha linda como jamais se vira antes.

E agora quanta alegria havia nos corações de todos no palácio! O rei estava tão agitado que foi à reunião do Conselho de roupão, e não com o manto real, e não ligou a mínima quando os cortesãos sorriram. Havia um vaivém constante em todas as salas e corredores. Mensageiros foram enviados em cavalos velozes para levar as belas notícias aos lugares mais distantes do reino. Todos os sinos das igrejas tocaram. Bandeiras foram hasteadas nas casas, e flâmulas, penduradas ao longo das estradas. Então, dispararam canhões, bum, bum, bum, a fim de avisar ao povo que todos, dos mais nobres aos mais humildes, teriam um dia de feriado para celebrar a alegria da rainha.

“Jamais se viu criança tão linda”, disse o rei, baixando os olhos para sua pequena filha, deitada nos braços da mãe. Ele queria muito niná-la, mas não lhe permitiram, porque os homens são muito desajeitados com os bebês.

“Que nome daremos a ela?”, perguntou o rei. E sugeriu os nomes mais pomposos que lhe vieram à mente, pois pensou que uma criança assim extraordinária deveria ter um nome à altura. Mas a rainha não aceitou nenhum deles.

“Ela se chamará Rosa Silvestre”, disse a rainha. E assim ficou sendo.

Algumas semanas depois, deu-se o batismo. Foi sem dúvida uma cerimônia esplêndida, pois todos os cavalheiros e as damas do reino estavam presentes com suas vestes mais preciosas, junto a príncipes e embaixadores de reinos distantes. A pequena princesa comportou-se brilhantemente o tempo todo. Não chorou uma só vez, mas abriu seus grandes olhos azuis e sorriu para os convidados ilustres, como se compreendesse tudo o que estava acontecendo.

Fora da catedral, as estradas estavam lotadas de gente esperando para ver os convidados chegar e partir. As carruagens se perfilavam por quase uma milha e, à medida que passavam, encabeçadas pela carruagem real, onde a rainha vinha sentada com a princesa Rosa nos braços, os espectadores tiravam seus chapéus, gritavam e saudavam. Alguns meninos subiram nos galhos das árvores e nos postes para ter uma visão melhor, e me disseram que uma pobre mulher não conseguiu ver nada porque seu filho tentou subir na placa de uma hospedaria, onde ficou pendurado numa posição tão perigosa que sua pobre e velha mãe teve que ficar de costas para o cortejo, segurando as pernas do menino, num estado terrível de ansiedade, com medo de que ele caísse.

No palácio, um magnífico banquete havia sido preparado.

Era costume naquele tempo, quando o filho de um rei era

batizado, convidar todas as fadas do reino para a festa do batismo. Cada fada tinha que trazer um presente, então é lógico imaginar que a criança teria tudo o que um dia pudesse desejar.

Havia treze fadas no reino, mas uma delas vivia em um lugar isolado nos arredores do reino. Ali, durante os últimos cinquenta anos, ela se trancara em uma torre em ruínas, só com um gato preto para lhe fazer companhia. E, como sempre fora muito reservada, todos esqueceram que ela existia. Por isso, não foi convidada para a festa de batismo, e embora não pudesse culpar ninguém além de si própria, estava muito zangada. A verdade é que ela sempre fora uma criatura triste, amargurada, sem amor nem bondade no coração, e ninguém sentia sua falta porque ela jamais dera a ninguém qualquer razão para que gostassem dela.

Assim, os convidados se reuniram no salão de banquetes do palácio e a festa começou.

O rei e a rainha estavam sentados em seus tronos sobre uma plataforma, na cabeceira do salão de banquetes, e acima deles, em um pequeno balcão, havia uma banda de violinistas e flautistas. Em cada lado do casal real, sentaram-se doze fadas-madrinhas, seis à direita e seis à esquerda. Diante de cada fada havia um prato de ouro e uma caixinha de ouro para guardar a faca, o garfo e a colher. Eram caixinhas lindamente entalhadas e gravadas, cada uma de um jeito diferente. Uma tinha a forma de um navio, outra, de uma concha, uma terceira, de um castelo com pequenas torres, e assim por diante. Não se podia imaginar nada mais lindo, pois todas tinham sido feitas especialmente para a ocasião pelos mais hábeis ourives do reino, e eram os presentes do rei para as fadas-madrinhas. Ele ficou muito orgulhoso quando as fadas elogiaram admiradas as caixinhas e disseram que se sentiam honradas em aceitá-las.

Abaixo da plataforma, havia seis longas mesas para os convidados, e o espaço que havia entre as mesas era suficiente apenas para os criados passarem, vocês calculem então como o salão estava lotado. Sedas tão brilhantes, joias tão fulgurantes, tamanho brilho e esplendor não eram vistos desde a coroação do rei, e todos os convidados riam e conversavam alegremente. O pintor da corte estava lá, é claro, para retratar aquela cena maravilhosa, e estava tão ocupado esboçando em suas folhas que não teve tempo para comer, embora provavelmente tenha feito uma bela refeição depois.

E quanta coisa boa havia para comer! Havia:

Bolinhos de carne temperados com raras especiarias do Oriente;

Sardinhas da Sardenha;

Atum do Mediterrâneo e esturjão da Rússia;

Cabeças de javali com limões na boca, cozidas no vapor;

Perus, pavões e cisnes;

Sombrias;

Maravilhosos assados e guisados deliciosos;
Corças e presunto de urso;

Doces das mais variadas formas, como, por exemplo, bolos em formato de castelos, com pequenos homens feitos de biscoito, à guisa de sentinelas nas muralhas, cada um com uma armadura dourada e uma alabarda sobre os ombros. (Uma imagem rara!) E águias esculpidas no gelo, pairando sobre baixelas de prata repletas de damasco.

Então, seguiram-se os pratos menores:

Bolinhos brancos e delicados como dedos de damas;

Ninhos de pássaros de caramelo (e nos ninhos, ovos de marshmallow, e em cada ovo, uma pequena galinha de caramelo!);

Figos e tâmaras do deserto;
Diversas frutas, da estação e de fora da estação;
Caldas e conservas dos quatro cantos do mundo;
Vinhos refrigerados na neve de montanhas distantes.

Seria possível encher muitas páginas apenas listando os nomes de todas as iguarias.

Cada prato era trazido pelos criados em uma espécie de procissão encabeçada pelo chefe de cozinha, nobre e solene como um arcebispo, pois era uma pessoa séria e digna e, é claro, tinha ali uma enorme responsabilidade. Os convidados foram servidos por pequenos pajens, nobres de nascimento, vestidos com o uniforme de seus mestres, e esses pajens ofereciam os pratos e vinhos da maneira mais elegante, de joelhos dobrados, conforme lhes foi ensinado.

Assim, os convidados se divertiam, e os violinistas tocavam, e o rei ria de tudo o que diziam porque estava muito bem-humorado, e o sol claro da tarde, brilhando através das janelas do poente, iluminava a rica tapeçaria nas paredes, reluzia nas joias, em dedos de belas damas, e se derramava sobre o piso de mármore como um lago de ouro.

E então, vejam só, quando a alegria estava no auge, algo aconteceu! Ouviu-se um grito súbito, e uma voz rouca como o grasnar de um corvo ressoou pelo salão.

“Sejam felizes, damas e cavalheiros”, gritou a voz. “Riam enquanto podem, mas lembrem que, depois do riso, podem vir as lágrimas.”

Um silêncio desceu sobre a ilustre assembleia. A rainha ficou pálida e estremeceu. O rei se levantou depressa, e ele e todos os convidados se voltaram para ver a estranha figura que, de repente, surgiu à porta.

Viram uma velha senhora quase curvada ao meio pela idade, a cabeça cinza afundada nos ombros e uma cabeleira desgrenhada. Seu rosto estava pálido e crispado de raiva, e seus olhos verdes brilhavam com rancor.

Lentamente, ela avançou em direção ao trono e, estendendo o braço, apontou o dedo para os pratos de ouro e para as caixinhas de ouro à frente das fadas-madrinhas. “Tem um”, ela disse, com uma risada áspera, “tem dois, tem doze! Não sabíeis, ó rei, que há treze sábias mulheres em vosso reino, sendo a décima terceira a mais sábia e a mais poderosa de todas? Onde, então, estão meu prato e minha caixinha?”

O rei começou a se desculpar, suplicando à velha e irritada fada que lhe perdoasse a negligência, e implorou que ela se sentasse e se juntasse a eles na celebração. “Porque”, ele disse, “tenho certeza de que a senhora é muito bem-vinda.”

“É mesmo?”, disse a décima terceira fada. “Então não estou muito atrasada, embora o banquete já tenha sido servido. E devo comer em prata, enquanto minhas irmãs comem em ouro, e não há nenhuma caixinha cuidadosamente entalhada para mim. Não tem importância, fico contente, pois cheguei em tempo e vou dar à princesa o presente que trouxe para ela!” E, nesse instante, a maldosa criatura deu mais

uma de suas risadas de escárnio, o que fez gelar o sangue de todos os convidados.

Por meio de muitas lisonjas, o rei finalmente conseguiu persuadi-la a sentar-se, e a festa continuou. Mas um balde de água fria fora jogado sobre o baile, e nada mais foi como antes. A velha bruxa resmungou e murmurou diante de seu prato, sorrindo às vezes para si como se guardasse algum triunfo maligno e secreto. As outras fadas lançaram olhares apreensivos, pois temiam sua maldade, e a mais nova das fadas-madrinhas, que por acaso estava sentada à ponta da mesa, nesse instante se levantou em silêncio e, furtivamente, se escondeu atrás da tapeçaria. E ninguém a viu sair, e nem uma única pessoa comentou sua ausência.

Capítulo IV

E então, chegou o momento mais importante da cerimônia, quando as fadas-madrinhas anunciam suas dádivas para a filha dos reis. Durante todo esse tempo, a pequena princesa Rosa estivera silenciosamente dormindo em seu berço no quarto, aos cuidados de uma velha criada que cuidara de sua mãe, quando criança. Nesse momento, o rei ordenou que trouxessem o bebê para o salão de banquetes. Os convidados pararam de rir e falar, e os músicos guardaram seus instrumentos.

Trouxeram a criança adormecida e a colocaram nos braços da mãe. Com que ternura ela acolheu o bebê em seu peito, inclinando-se como que para protegê-lo de todo mal! Uma imagem tão encantadora deveria ter tocado até mesmo o coração mais frio, e de fato somente uma pessoa no salão permaneceu indiferente, a maldosa e ciumenta fada, que olhou para cima e exibiu seus dentes amarelos, num largo sorriso.

“Rainha”, ela disse, “vosso rosto está pálido e vossos lábios tremem. O que temeis no dia da oferenda das dádivas?”

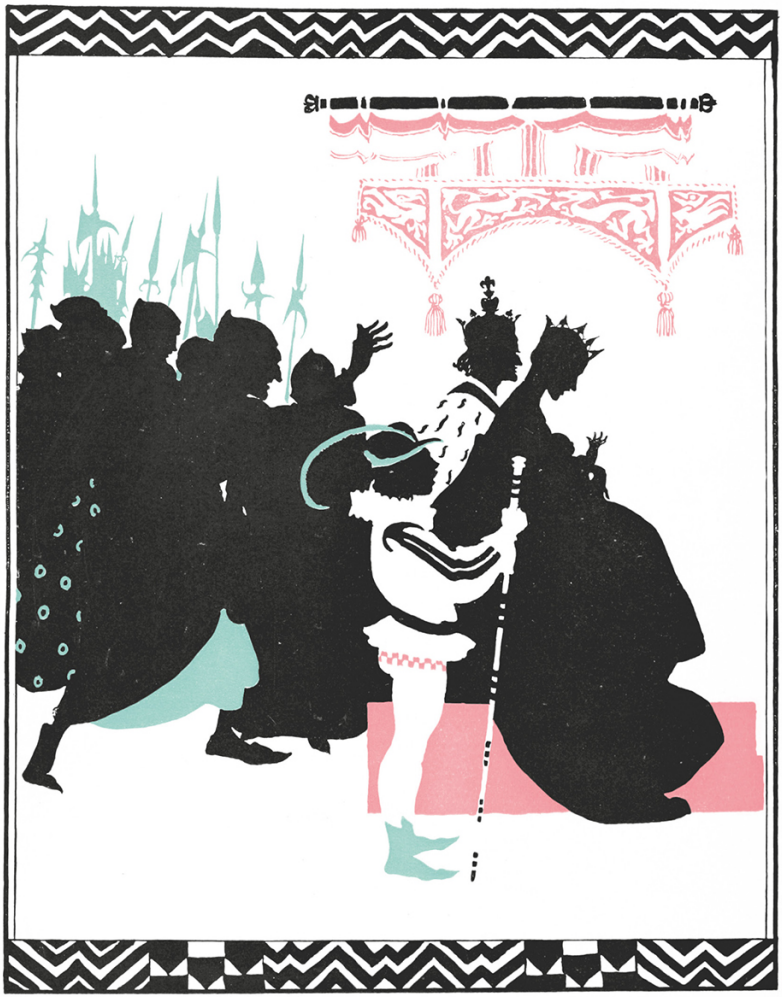
Mas a rainha estremeceu e permaneceu em silêncio.

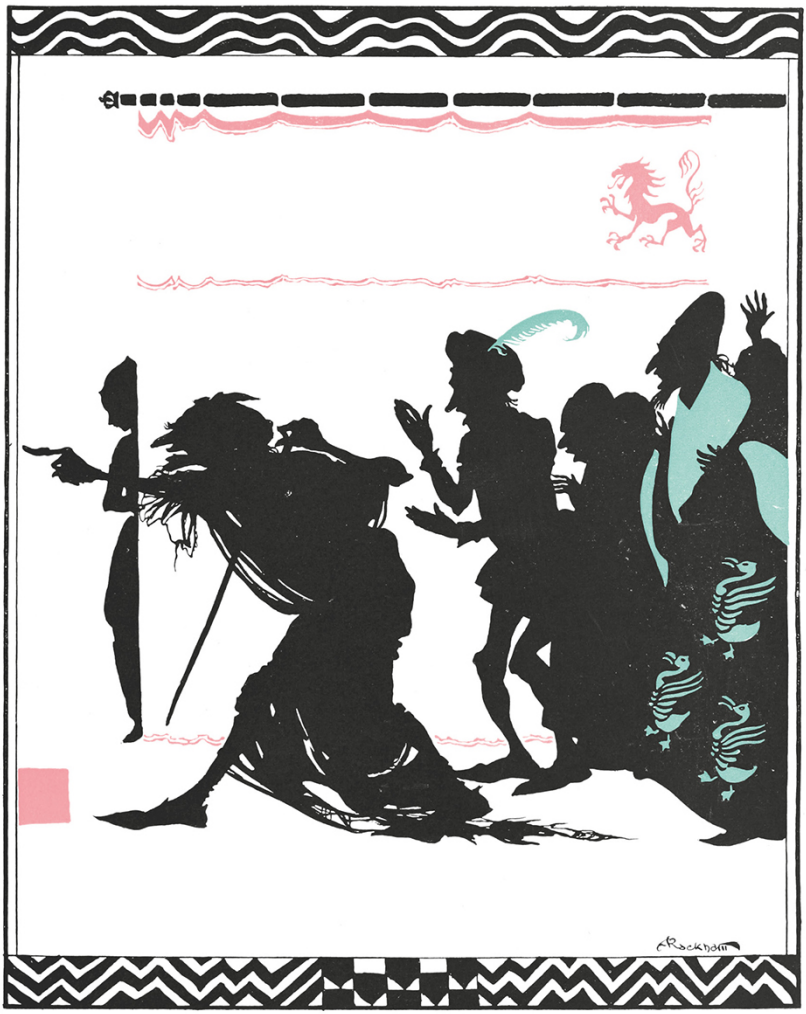
Então, uma fada se levantou e disse:

“Eu começarei. Meu presente para a princesa Rosa é o dom da beleza. Seus olhos serão como estrelas, e seus cabelos, brilhantes como a luz do sol no dia da primavera em que ela nasceu, e sua pele será fresca e suave como as pétalas da flor de onde provém seu nome. Ninguém será mais amável do que ela.”

Então, a segunda fada se levantou e disse: “Depois da beleza, a inteligência. A princesa será mais inteligente do que qualquer comum dos mortais jamais sonhou ser”.

“Eu lhe dou a virtude”, disse a terceira. E a rainha acenou com a cabeça e sorriu, pois embora estimasse a beleza e a inteligência, sabia que nenhuma delas valia nada sem a bondade no coração.





Então todas as fadas, uma após a outra, anunciaram os dons que haviam trazido para Rosa. A quarta disse que, onde quer que a princesa pusesse as mãos, ela o faria com a mais perfeita graça. A quinta, que cantaria como um rouxinol. A sexta, que dançaria delicadamente como uma fada, e assim por diante, até a princesa ter recebido praticamente todas as virtudes e os talentos que mesmo um rei poderia desejar para sua filha. Mas, até então, a velha e maldosa fada não dissera uma palavra.

Finalmente, ela se levantou e lançou um olhar maligno à sua

volta.

“Vocês todas terminaram?”, ela perguntou. “Escutem então meus votos. No dia em que completar 15 anos de idade, a princesa irá espetar o dedo no fuso de uma roda de fiar e irá morrer imediatamente!”

Essa terrível profecia fez com que todos os convidados estremecessem. A rainha soltou um grito e abraçou o bebê adormecido, trazendo-o ainda mais perto de seu peito.

“Não, não! Tenha piedade!”, ela gritou. “Faça recair sobre mim esse terrível fado, se assim desejar, mas não faça nenhum mal a esta criança inocente.”

Ao ouvir esse apelo desconsolado, quase nenhum dos convidados conseguiu segurar as lágrimas, mas a velha bruxa apenas murmurou para si, como se rogasse uma praga. Então o rei se levantou de um salto, com as mãos no cabo cravejado de sua adaga pendurada ao cinto. Um segundo mais e ele poderia ter derrubado a maldosa criatura a seus pés, mas, antes que pudesse tirar a arma da bainha, outra voz o conteve.

“Detende as mãos, ó rei, para que algo ainda pior não aconteça. Nenhum mortal pode tentar atingir uma fada e escapar impunemente. Quanto ao resto, tranquilizai-vos, pois vossa filha não irá morrer!”

Então, a décima segunda fada saiu de trás da tapeçaria, onde havia estado escondida. “Meu presente ainda está por vir”, ela continuou. “Na medida do possível, irei desfazer o mal que minha irmã fez. A verdade é que não tenho o poder de impedir que aconteça o que ela anunciou. A princesa irá de fato espetar o dedo no fuso de uma roda de fiar no dia em que completar 15 anos. Mas, em vez de morrer, cairá num sono profundo, e esse sono deverá durar cem anos, e quando esse tempo tiver transcorrido, um príncipe virá despertá-la.”

Assim, o pior foi evitado, mas o destino da pobre princesinha ainda era terrível demais, e era de esperar que o rei faria tudo o que estivesse ao seu alcance para evitar que a profecia se realizasse.

Sua primeira providência foi reunir todos os magos do reino e dos reinos vizinhos, prometendo uma rica recompensa para aquele que lhe mostrasse um modo de desfazer o feitiço da velha fada. Os magos vieram às vintenas, alguns com longas barbas até os pés, outros sem barba nenhuma, outros carecas, outros com cabeleiras desgrenhadas, como se não se penteassem há séculos. Por dias a fio, havia tantos magos no palácio que estes eram mais comuns do que os gatos, e era impossível entrar em qualquer um dos quartos sem surpreender um ou outro sentado em profunda reflexão e com ares tão sábios como somente os ares de um mago. Mas nada resultou de suas reflexões e, um depois do outro, todos desistiram da tarefa e partiram, não sem antes cobrar as despesas de viagem.

Finalmente, chegou um mago mais sábio e venerável que os demais. Ao ouvir o que esperavam dele, disse que iria para casa para consultar os livros secretos que reuniam todo o conhecimento de magia de todos os tempos e tinham sido escritos pelo maior de todos os magos, Merlim, em pessoa.

Foi então para casa, para seu cubículo, que ficava no despenhadeiro de uma montanha, e, depois de pronunciar a palavra mágica que destrancava a sólida e pesada porta, entrou e se preparou para iniciar as pesquisas.

Os livros de magia escritos por Merlim eram divididos em vários volumes, e tudo ali estava organizado em ordem alfabética, para ser facilmente encontrado. O velho mago, então, abriu primeiro na palavra PRINCESA. Quinhentas páginas tratavam do assunto, e havia uma grande quantidade de informações muito interessantes. Por exemplo:

PRINCESA: Como transformar uma pastorinha de gansos em.

Feitiço para fazer uma princesa ficar rodeada por altas paredes de bronze que de forma alguma podem ser destruídas, exceto pelas notas de um determinado trompete (q.v.).

(Q.v. são as iniciais de duas palavras mágicas que podem ser encontradas em qualquer dicionário e enciclopédia até os dias de hoje.)

PRINCESA: Anel encantado para.

Um novo e aprimorado método pelo qual ela pode ser transformada em um filhote de cervo, junto com quaisquer membros da família à escolha, e todos podem ser revertidos à forma original.

PRINCESA: Um excelente método para fazer uma princesa crescer ou diminuir ingerindo um cogumelo, com instruções para encontrar o local onde os cogumelos crescem, e precauções a serem tomadas para que, ingerindo demais, ela não desapareça completamente.

E assim por diante. Mas não havia uma só palavra sobre como evitar que uma princesa caísse num sono encantado, após espetar o dedo no fuso de uma roda de fiar.

Depois ter lido todas as quinhentas páginas, o venerando mago abriu na palavra SONO, na esperança de melhor sorte.

E havia muita informação digna de confiança também nesse capítulo. Receitas de filtros poderosos para fazer dormir e de filtros ainda mais poderosos para impedir as pessoas de dormir. E quando o mago encontrou este último, gritou entusiasmado, pois imaginou que tivesse concluído com sucesso a sua busca, até que leu mais um pouco e descobriu que o feitiço em questão deveria ser utilizado apenas em rainhas malvadas que tivessem maltratado seus enteados de forma vergonhosa. É muito fácil cometer erros em magia, pois é uma ciência muito complicada.

Ao terminar de ler as duzentas páginas dedicadas à palavra sono, o venerável mago estava inquieto, mas era perseverante e não

abandonava os seus projetos. Como os livros de magia de Merlim não foram suficientes, ele buscou outros meios de encontrar o que desejava e consultou o seu oráculo.

Seu oráculo era um crocodilo empalhado pendurado no teto, e uma voz saiu dali dizendo-lhe que repetisse a fórmula mágica.

A fórmula mágica é uma frase feita de todos os sons que não usamos na fala comum, e é uma coisa terrível de se ouvir. Dizê-la também é muito cansativo, e depois que o venerável mago a repetiu, teve que descansar por várias horas. Depois, levantou-se novamente e desenhou pentágonos no chão de pedra da sua caverna, e riscou triângulos e círculos, rodeados por todos os signos do zodíaco. E ficou no meio dos pentágonos, e dos triângulos, e dos círculos riscados, e fez todo tipo de rituais estranhos e secretos, mas tudo em vão.

Mesmo assim, ele não desistia, e foi para lugares misteriosos na floresta, e colheu estranhas ervas à luz do luar. E ao voltar para casa, jogou as ervas num caldeirão e elas queimaram, produzindo chamas de muitas cores, densas nuvens de fumaça, e exalando um cheiro terrível. Como essas experiências não produziram o efeito desejado, ele se olhou em cristais, derramou tinta na palma da mão e fez tudo o que aprendera em todos esses anos, desde quando era um aprendiz de feiticeiro, ainda muito pequeno.

E no exato momento em que ia desistir de sua busca, já sem esperanças, uma ideia lhe veio à mente e ele gritou de alegria, pois sabia que havia encontrado o que estava procurando. Isso mostra como mesmo as coisas mais difíceis podem ser conquistadas, com perseverança e paciência.

Correndo a toda velocidade, voltou ao palácio e pediu uma audiência com o rei. A audiência foi imediatamente concedida, pois para ser sincero o rei esperava o seu retorno com muita ansiedade.

“Então”, ele disse, “conseguiu encontrar uma solução?”

“Sim”, respondeu o venerável mago. “Minha astúcia não me decepcionou”, e entregou ao rei um pedaço de pergaminho onde estavam escritas as seguintes palavras. Estavam escritas em latim, para parecer mais importante, mas, muito provavelmente, não estavam em bom latim, já que o venerável mago fora iniciado muito cedo em suas artes e, por isso, sua educação clássica fora um pouco negligenciada. Mas este era o significado das palavras:

O fuso irá picar? Então, queimem o fuso
Fiar e girar a roda, ponham em desuso
Nenhum dedo o fuso incomoda
Se não houver fuso, nem roda

O rei deu um tapa na perna, de alegria. “Mas, é claro!”, ele disse.

“Como é que eu mesmo não pensei numa solução tão simples? Está me parecendo, mago, que o senhor ganhou facilmente as suas mil coroas!”

“Ah, Majestade”, respondeu o mago, “todas as coisas são simples, uma vez que as conhecemos.”

E nisso ele estava certo.

Capítulo VI

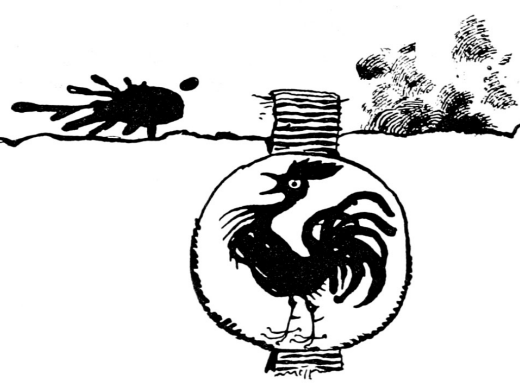
O rei não perdeu tempo para pôr em prática o conselho do mago. No dia seguinte, mandou publicar um decreto e ordenou que as cópias fossem afixadas em todas as portas das igrejas e em todos os lugares públicos de todas as cidades do seu reino. E assim dizia o decreto:

VISTO QUE uma certa fada má, esquecendo-se das obrigações devidas aos excelentíssimos e poderosos rei e rainha, soberanos por direito destes territórios, e à princesa Rosa, deles a amada e querida filha, por maldade premeditada e com a intenção de infligir graves danos físicos à pessoa da referida princesa, em presença dos mencionados poderosos soberanos e de diversos dos súditos leais, fez e pronunciou uma profecia, a saber: que a referida princesa, ao completar 15 anos, irá espetar o dedo no fuso de uma roda de fiar, e que um certo terrível infortúnio irá recair sobre ela, em razão desse ferimento, para a tristeza de seus afetuosos pais, FICA DECRETADO:

Que todas as rodas de fiar ou quaisquer outros instrumentos de fiar, em posse de qualquer dos súditos de Sua Majestade, o excelentíssimo rei, sejam manuais ou mecânicos, ou de qualquer outra espécie, assim como fusos, lançadeiras, carretéis e quaisquer outras peças e acessórios relacionados, devem, a partir deste momento, ser entregues aos oficiais de Sua Majestade, o excelentíssimo rei, designados para recebê-los. E FICA DECRETADO TAMBÉM:

Que, se qualquer pessoa ou pessoas não observarem ou obedecerem a este decreto ou ordenança e guardarem ilegalmente consigo qualquer instrumento de fiar ou dele acessório, tais pessoas deverão ser tratadas com o pleno rigor da lei e deverão ser condenadas à morte.

Com a assinatura e o selo de Sua Majestade.



A publicação do decreto causou muito interesse e agitação em todo o reino. Todos saíram de suas casas para olhar, porque nunca tinham visto nada parecido antes, e, embora muito poucos soubessem ler, perceberam que deveria significar algo muito importante. Então, pediram a clérigos e eruditos que lessem para eles, pagando um centavo a cada um pelo serviço. E esses centavos, os clérigos e os eruditos, sendo pessoas extraordinariamente necessitadas, ficaram muito gratos por receber. Em geral, levavam três horas para ler o

decreto e explicá-lo. É preciso admitir que poderia ter sido escrito com menos palavras. Mas, se o tivessem feito, não teria sido levado muito a sério, pois o decreto era o que se chamava de um instrumento legal.

No dia seguinte, os oficiais do rei chegaram a cavalo a cada cidade e vilarejo do reino. À frente deles vinha um corneteiro que parava à entrada de cada rua e fazia um sonoro chamado. Tendo assim chamado a atenção, marchava por entre as casas, gritando em voz alta:

"Tragam suas rodas de fiar. Tragam suas rodas de fiar!"

As pessoas então traziam, não sem resmungar, pois uma roda de fiar é coisa muito útil para ter em casa, e naqueles tempos as pessoas fiavam e teciam seus próprios tecidos para fazer suas roupas. Mas temiam desobedecer às ordens do rei.

E eram rodas de fiar de todas as formas e tamanhos, algumas novas, outras centenárias, e quase não havia casa que não tivesse uma, de um tipo ou de outro. Elas foram todas recolhidas, depositadas em carroças e levadas para a cidade, onde foram amontoadas em uma imensa pilha, em praça pública.

Então, o rei, a rainha e toda a corte saíram à rua e viram quando puseram fogo no enorme amontoado. O povo saiu para assistir também, aos milhares, e era muito bonito ver as enormes labaredas projetando-se no ar e ouvir o crepitar e os silvos da madeira em chamas, soando como o disparo de uma centena de mosquetes.

O rei dava risada, aliviado, e até a rainha sorria, enquanto a pequena princesa Rosa, que fora erguida em uma janela do palácio para ver a fogueira, esticava os braços para as belas chamas e dava gritinhos de alegria.

Mas o povo não se divertia muito com aquela imagem, porque eram as suas rodas de fiar que estavam sendo queimadas.

“Minha roda de fiar estava comigo havia vinte anos”, disse uma mulher, “e agora não tenho mais nenhuma, e como vou me virar sem uma, eu não sei, com seis crianças para vestir.”

“Cinco coroas de prata minha roda custou ao meu marido, na última festa da Candelária”, disse outra, “e lá se vai em chamas e em fumaça.”

“O que é uma roda se, ao queimá-la, salvamos nossa princesinha?”, declarou um terceiro. “Vamos, alegre-se, mãe, o rei tem motivos para fazer o que faz, e não vai nos deixar faltar nada.”

E esse homem estava certo. O rei não queria oprimir seus súditos, e assim que o monte estava reduzido a cinzas, aprovou um novo decreto anunciando que os proprietários de cada roda de fiar seriam indenizados por suas perdas. E não só isso, o rei disse aos comerciantes que comprassem fio dos reinos vizinhos para que o povo pudesse tecer, embora não pudesse fiar.

A pequena princesa Rosa, é claro, nada sabia dos estranhos incidentes ocorridos durante a festa de batismo, e o rei ordenou que ninguém comentasse o assunto com ela. Não é nada agradável saber que as fadas decretaram que se vai adormecer por um século no aniversário de 15 anos, ainda que para ser acordada por um belo príncipe, passado esse tempo. Todos os pajens e as damas de honra tinham então que ser muito cuidadosos e discretos. Se contassem uma história à princesa, não podiam mencionar a palavra “fiar”. Se mostrassem um livro a ela, tinham que ter a precaução de ver se ali não havia a imagem de uma roda de fiar, nem qualquer referência a uma roca ou a um fuso, para que ela não perguntasse o que era aquilo. Os oficiais da alfândega do rei, nas fronteiras do reino, tinham que examinar cada carga de mercadoria que entrava no reino, temendo que pudesse conter uma roda de fiar. E se alguém fosse pego tentando contrabandear uma, era levado à presença dos juízes e punido.

Com essas medidas, o rei estava confiante de que evitara a maldição lançada sobre sua filha.

Mas as promessas das outras mulheres sábias foram cumpridas à risca, pois a jovem princesa crescia a mais bela, talentosa e graciosa donzela de todo o mundo. Isso, pelo menos, era o que todos no palácio diziam, dos cavalheiros e das damas até os ajudantes de cozinha, e embora as pessoas se inclinassem às vezes a lisonjear a realeza, neste caso, havia razão para que a admirassem.

Para começar, a princesa era adorável como uma manhã de primavera, com olhos do mais puro e delicado azul, e cabelos onde os raios de sol pareciam se enredar. Quando entrava em um aposento, as pessoas paravam o que quer que estivessem fazendo para olhar para ela, e todos se sentiam mais felizes por ela estar ali.

E quanta inteligência! Nunca teve qualquer dificuldade com o alfabeto nem com a tabuada. Era capaz de contar tão facilmente como soletrava. Conhecia a história do seu reino e de todos os reinos à sua volta. E ninguém conseguia desorientá-la nem com a mais difícil questão de geografia. Ela sabia costurar, bordar, tricotar, pintar e desenhar.Sabia dizer poemas em cinco línguas diferentes. Estudava matemática, botânica, astronomia e até direito. Em resumo, seu conhecimento não tinha fim, e tudo porque ela tinha aquelas fadas como madrinhas.

Além disso, tinha várias outras competências. Sabia tocar todo tipo de instrumento, como violino e cítara, harpa e harpa de boca, órgão de igreja e gaita, flauta e flauta celta, e até mesmo pente. Sabia cantar como um rouxinol e dançar como uma fada.

E mesmo assim não era presunçosa nem pomposa, como podem ser algumas pessoas bonitas e talentosas. Ao contrário, era sempre amável e modesta, e por isso era amada. As pessoas podem admirar a boa aparência, a elegância e mesmo a boa reputação, mas somente

uma natureza afável e um coração bondoso podem conquistar o amor. E esses eram os dons concedidos pela terceira fada.

Então, os anos se passaram, e finalmente chegou o dia em que a princesa Rosa completou 15 anos de idade.

Que dia foi aquele! Todos vieram desejar feliz aniversário, e ela ganhou tantos presentes que pelo menos uma dúzia de criados ficou ocupada desembrulhando os pacotes. O rei deu a ela um pônei branco com sela de veludo vermelho, rédea e estribos de ouro, enquanto o presente da rainha foi um lindo e caro colar de pérolas. Até o menino que girava o espeto na cozinha trouxe algo para ela, e embora fosse apenas um parzinho de sapatos de madeira que entalhara com as próprias mãos, a princesa apreciou-o como se de ouro tivesse sido feito.

A única pessoa infeliz no aniversário da princesa era a rainha, e ela circulava com o rosto pálido e uma aparência de grande ansiedade.

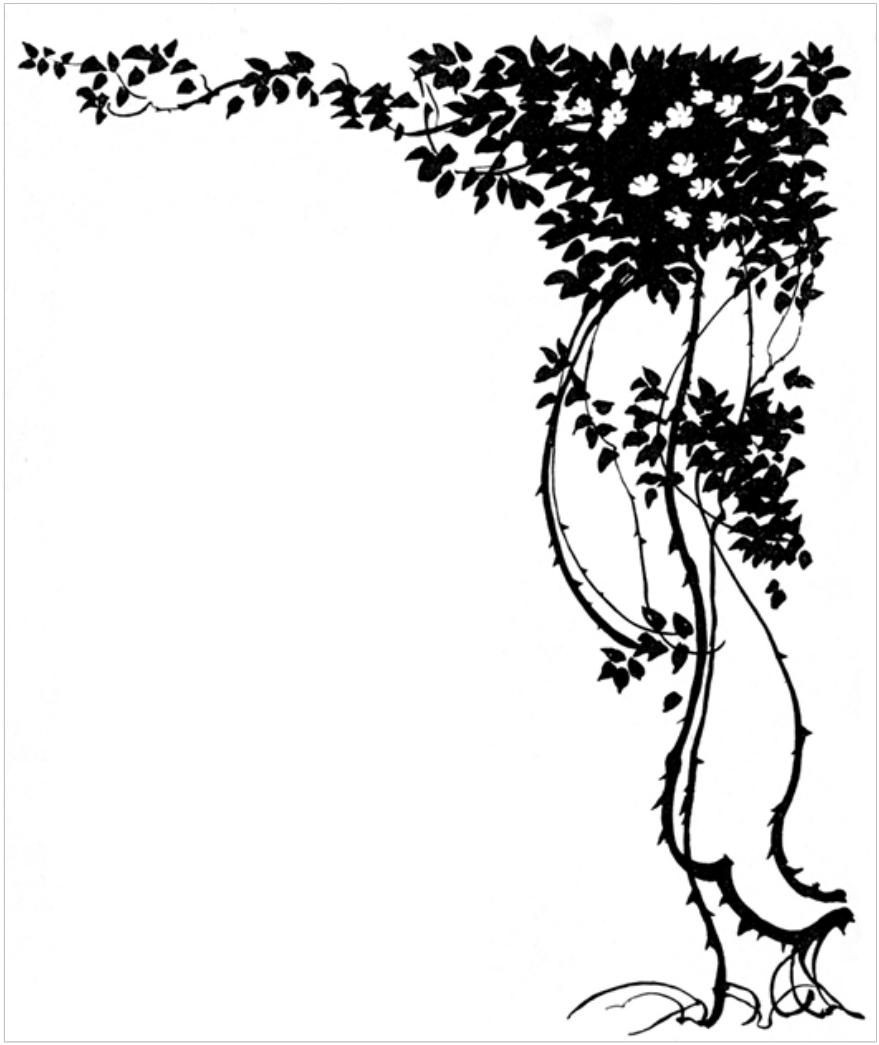
“Vamos, vamos, meu amor”, disse o rei, “o que é que há? Você não está pensando naquela tola e velha profecia!”

“Como posso não pensar?”, a rainha respondeu. “Não consegui tirá-la da minha cabeça durante quinze anos e, agora que o dia chegou, estou com medo.”

“Fique tranquila”, disse o rei. “Nada irá acontecer. Não existe roda de fiar, nem aqui nem nas próximas cem milhas. Cuidei bem disso!” E se afastou sorrindo, para participar de uma reunião do gabinete. Mas a rainha balançou a cabeça.

Enquanto o rei e a rainha estavam conversando, a princesa Rosa caminhava pelo castelo, visitando cada aposento, como já havia feito muitas vezes antes. O castelo era tão grande que um estrangeiro podia facilmente se perder em seu labirinto de escadarias e corredores, mas Rosa conhecia muito bem cada pedacinho dele, desde a enorme cozinha no subsolo, onde em dias de festa uma equipe de cozinheiros preparava o jantar para centenas de convidados, até o mais alto torreão acima das muralhas, onde as sentinelas vigiavam com lanças sobre os ombros. Havia apenas uma parte do castelo que Rosa nunca explorara, e era uma velha torre que se elevava do lado oriental.

A porta dessa torre estava sempre trancada, e embora a princesa tenha muitas vezes tentado encontrar a chave, ela nunca conseguira. Os criados lhe contaram que a torre não era habitada havia quase cem anos e que ninguém no castelo lembrava que alguém ali já tivesse entrado.



Nesse dia, Rosa correu irrequieta de um lugar para o outro. Espiou na cozinha e viu os meninos girando o espeto, onde um boi inteiro estava sendo assado. Depois, foi até a sala vazia do trono e viu os tronos dourados, lado a lado sobre a plataforma, e a rica tapeçaria, luzindo com todas as cores do arco-íris nas paredes. Em seguida, subiu até as muralhas, de onde pôde ver o reino do seu pai que se estendia por muitas milhas. Não satisfeita, subiu correndo as escadarias em direção aos torreões e olhou das estreitas janelas para o pátio lá embaixo, tão lá embaixo que as pessoas que ali caminhavam não pareciam maiores do que ratos. Então, desceu novamente e seguiu em suas andanças, procurando em todos os recantos, até que finalmente se viu diante da porta da velha torre onde ela jamais entrara. E, ao

olhar para a porta, saltou de espanto e, em seguida, deu um grito de alegria.

Havia uma chave na porta.

Capítulo VIII

Era uma chave enferrujada, e Rosa receou não conseguir girá-la. Mas, para sua surpresa, a chave girou facilmente. A pesada porta se abriu sobre os velhos gonzos com muitos estalos e rangidos, e ela se viu em um quartinho escuro onde a poeira dos anos formava um grosso carpete. Do quarto, subia uma escadaria em espiral, e Rosa estava prestes a subir, quando um ruído súbito a fez saltar para trás, alarmada.

Flap! Um bater de asas, uma lufada e um alvoroço, e diante de seu rosto voou uma sombra escura, com olhos amarelos e reluzentes. Era apenas uma coruja que se escondia do sol dentro da torre, mas Rosa levou um enorme susto e ficou em dúvida se prosseguia ou não. Mas a escadaria em espiral lhe parecia muito convidativa, e ela queria ver aonde levava. Então, recolhendo as saias para evitar que uma criatura horripilante qualquer lhe subisse rastejando, correu escadaria acima o mais rápido que pôde, dando voltas e mais voltas, até atingir o topo. Lá, ela deparou com outra porta.

Nessa porta havia também uma chave enferrujada, e Rosa girou-a tão facilmente como havia girado a primeira. Então, empurrou a porta e entrou.

Encontrou-se em um quartinho iluminado por janelas estreitas. Debaixo de uma das janelas havia um sofá e, diante dele, uma velha senhora, sentada junto a uma roda de fiar.

“Bom dia, mãezinha”, disse a princesa. “O que a senhora está fazendo?”

“Estou fiando, minha linda criança”, respondeu a velha, sem interromper seu trabalho.

“Fiando?”, perguntou a princesa. “Oh, deixe-me ver! O que é isso que gira tão alegremente?”

“Isto é uma roda de fiar”, disse a velha mulher. “Menina, você fala como se nunca tivesse visto uma dessas antes.”

“De fato, nunca vi”, disse a princesa. “Que interessante! Será que eu saberia fazer tão bem quanto a senhora? Posso tentar?”

“Mas é claro”, disse a velha senhora, “toda mocinha deve aprender a fiar. Aqui está, minha querida”, e deu o fuso a Rosa.

Agora, se na ânsia de pegar o fuso a princesa apertou forte demais, ou só porque a fada determinara que assim fosse, eu não sei. Mas, seja como for, a afiada ponta de ferro furou sua mão e imediatamente ela caiu para trás, no sofá, num sono profundo.

E, nesse mesmo instante, o sono desceu sobre todos os homens, mulheres e crianças do castelo, e sobre todos os seres que viviam do lado de dentro de seus portões. O rei, que estava sentado com seus conselheiros, parou de falar no meio de uma frase e ficou de boca aberta, no ato de pronunciar uma palavra, e ninguém reparou em sua estranha conduta, pois todos os ministros também adormeceram, sentados como estavam. Do lado de fora, junto à porta, a sentinela se apoiou em sua lança. Nos aposentos da rainha, as damas de companhia caíram em um sono profundo, no meio de seus afazeres, uma enquanto fazia a bainha de um lenço, outra sobre seus bordados, outra ainda conversando com seu papagaio. A rainha dormiu em sua cadeira, e um pajenzinho que estava cantando, no meio de uma nota.

Por todo o castelo, o sono encantado se espalhou. Cortesãos, funcionários, mordomos, cozinheiros, mensageiros, soldados, bedéis, e até mesmo os cavalos nos estábulos e os cães nos canis ficaram imóveis, como se estivessem mortos. As moscas pararam de zumbir nas janelas e os pombos, de arrulhar sobre os telhados. Na grande cozinha, os ajudantes dormiram enquanto lavavam louça e uma cozinheira dormiu no momento em que dava um tapa na orelha de um criado.

Mas só dali a cem anos ele iria sentir o tapa, ou mesmo soltar o grito que estava na ponta da língua. O cachorro dormiu debaixo da mesa, enquanto roía um osso. O gato, em frente à toca do rato, e o rato, do outro lado da parede, esticando o focinho e farejando o ar, desconfiado. Até os espetos que giravam no fogo, repletos de perdizes e faisões para a festa de aniversário da princesa, até eles pararam de

girar, e mesmo o fogo parou de tremeluzir e as chamas se apagaram.

Um silêncio profundo desceu sobre o castelo. No pasto, os cordeiros pararam de balir, os cavalos, de relinchar, e as vacas, de mugir. Os pássaros nas árvores silenciaram. Num instante, o ar estava repleto de seus pios; no instante seguinte, tudo estava imóvel como num deserto. Até o vento parou de soprar para dormir na floresta. Nem uma folha se mexeu, e as nuvens brancas ficaram imóveis no céu.

Então, o sono adormeceu o castelo encantado e a todos ali dentro por causa da princesa Rosa, que estava deitada no sofá, na velha torre, esperando que os cem anos se passassem e um príncipe viesse despertá-la.

E em volta do castelo cresceu uma sebe de espinhos emaranhada em heras, madressilvas e trepadeiras, tão densa que, à distância, parecia um pequeno bosque. E cresceu, cresceu, rodeando o castelo como uma muralha, até que se via apenas o topo da torre mais alta e o mastro de onde pendia a bandeira do reino, murcha e imóvel.

E os anos se passaram com as mudanças das estações. A primavera chegou trazendo para os campos e as florestas, lá fora, a vida nova das folhas e das flores. As árvores despertaram de seu sono de inverno e se vestiram gloriosamente de verde. Os pássaros voltaram a cantar, e as andorinhas e os gaivões fizeram seus ninhos sob os beirais. Crianças riram e bateram palmas porque estavam felizes à luz do sol, e os idosos sentiram o coração se encher de alegria ao ver o orvalho dos jacintos nos bosques e os narcisos dançando na brisa.

Mas, dentro da cerca de espinhos, nenhuma forma de vida despertou, nem flor nem árvore responderam ao chamado da primavera.

Com o passar do tempo, quem era jovem quando o palácio foi enfeitiçado envelheceu e morreu, mas nunca se esqueceu da profecia que dizia que um dia a princesa adormecida deveria despertar. E contou a história para seus filhos, que a contaram por sua vez mudando um pouquinho, porque, para eles, tudo não passava de uma fábula. E assim, durante muitos anos, a lenda correu os reinos vizinhos, e muitos jovens príncipes sonharam que estavam destinados a quebrar o feitiço e despertar a princesa adormecida.

Uma vez ou outra, alguém assumia a busca e tentava atravessar à força a densa cerca. Mas ninguém conseguia. Os espinhos afiados agarravam os pobres rapazes e os mantinham ali presos, de modo que não conseguiam avançar nem recuar, e lá pereciam, miseravelmente. Seus ossos, desbotados pelo sol e pelo vento, permaneciam ali como

um sinal de advertência a ser visto por todos, e as trepadeiras cresciam sobre eles.

Cem anos se passaram. Ao fim desse tempo, um dia um jovem príncipe que estava caçando nas vizinhanças viu as torres do castelo enfeitiçado surgirem da densa floresta. Ele nunca estivera naquela região do reino e nada ouvira da história da princesa adormecida. Então, perguntou à primeira pessoa que encontrou o que eram aquelas torres e a quem pertencia aquele castelo.

Cada um contou uma história diferente. Um disse que era um velho castelo assombrado pelos espíritos. Outro, que era um ponto de encontro das bruxas e feiticeiras das redondezas, que ali se reuniam para praticar seus rituais secretos.

"Não, não", disse uma terceira. "Esse castelo é a casa de um gigante, e todos na região têm pavor dele, foi o que me disseram, porque ele rouba o gado e a colheita deles, e até mesmo os seus filhos para serem seus criados. E eles não conseguem recuperar os prisioneiros por causa da floresta que rodeia o castelo, que é tão densa, que ninguém consegue atravessar."

E assim seguiram, um dizendo uma coisa e outro, outra, pois cada um repetia o que tinha ouvido. Por fim, um velho camponês se apresentou.

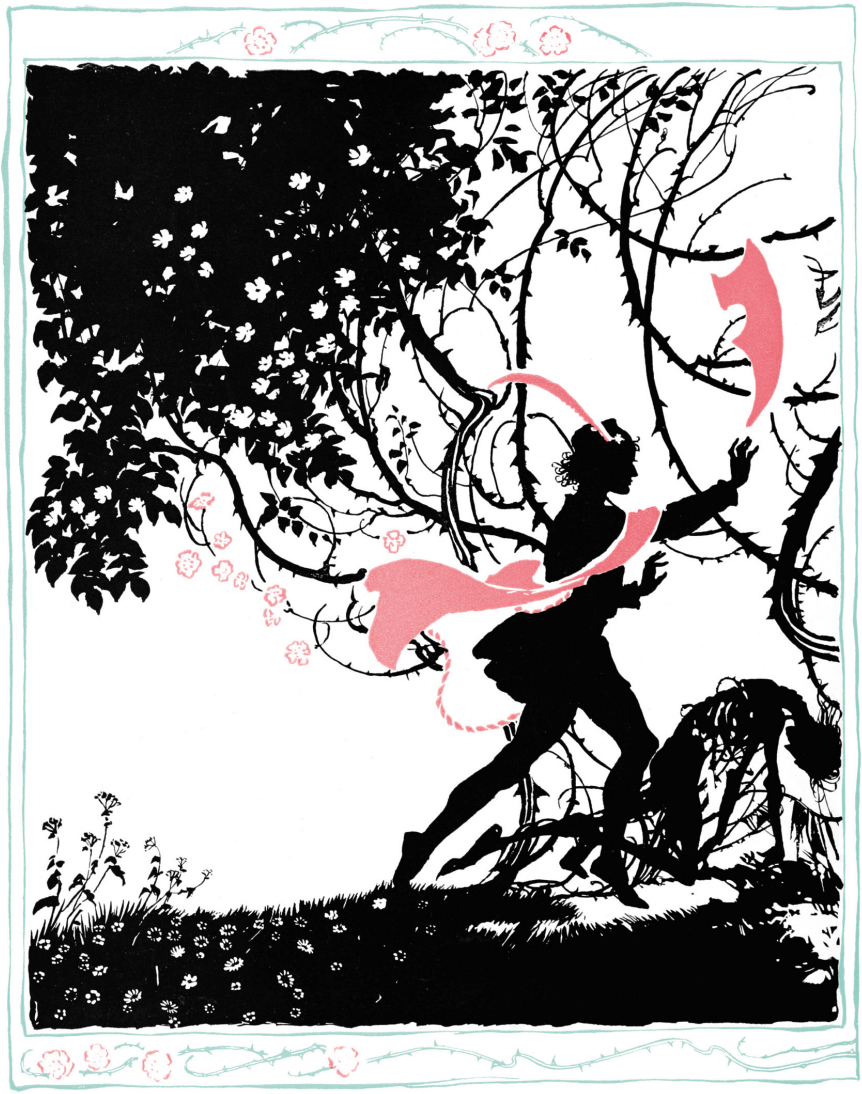
"Cinquenta anos atrás, meu príncipe", ele disse, "meu pai me contou a história desse castelo, e como ele nasceu nesta região, acho que é a história verdadeira, e vou contar se quiser ouvi-la."

O príncipe assentiu, impaciente, e o velho prosseguiu:

"Meu pai disse que anos antes de ele nascer, um rei e uma rainha viviam no castelo com sua filha, a mais bela princesa jamais vista. Por alguma razão, eles deixaram as fadas irritadas, e elas enfeitiçaram o lugar e a todos que ali moravam, e todos caíram em um sono profundo. Meu pai disse que esse sono iria durar cem anos, mas que no fim desse tempo o filho de um rei iria chegar, acordar a bela princesa e fazer dela a sua noiva".

Quando o jovem príncipe ouviu essas palavras, sentiu seu coração bater forte. Alguma coisa parecia dizer que ele, e não outro, era o filho do rei que estava destinado a quebrar o feitiço, e disse: "Mostre-me o caminho até o castelo, vou me lançar nessa aventura".

Mas o velho balançou a cabeça. "Eu ainda não disse tudo, meu príncipe. Muitos jovens tentaram atravessar à força a densa floresta que guarda o castelo enfeitiçado. Cada um deles imaginou que ele, e somente ele, estava destinado a despertar a Bela Adormecida, e todos se lançaram com grandes esperanças.



Mas nenhum deles voltou, e seus ossos, desbotados pelo vento e pela chuva, ficaram entre os espinhos da densa cerca, uma advertência medonha aos aventureiros. Meu príncipe, eu lhe peço, não faça nada precipitado, pense bem antes de se aventurar nessa perigosa busca."

"O quê!", gritou o príncipe, com um brilho nos olhos, "então eu vou hesitar quando outros se atreveram a ir? Agora mesmo vou tentar entrar no castelo, e se eu não voltar, leve para minha casa as notícias da minha morte."

Sem dar a menor atenção às palavras de quem tentou impedi-lo de se precipitar em semelhante perigo, o impetuoso jovem partiu com o coração incendiado por ideias de amor e glória. Ninguém lhe mostrou o caminho, mas ele podia ver as torres do castelo que se erguiam na

floresta distante e, quando entrou nessa mesma floresta e as torres se esconderam, cada trilha que escolheu o levou para mais perto do lugar aonde ele iria chegar.

Finalmente, avistou uma clareira, e diante dele havia uma emaranhada sebe de espinhos que se estendia para os dois lados, até onde os seus olhos alcançavam.

E agora, enquanto se aproximava, o príncipe podia ver que a história que ouvira sobre aquele terrível lugar era verdadeira, pois agarrados ao emaranhado de urzes estavam os ossos de muitos pobres rapazes que tinham tentado invadir o castelo. Fragmentos e retalhos de seus trajes pendiam dos enormes espinhos, que despontavam ameaçadores como garras. Em toda parte, sobre o chão, jaziam despojos de armaduras enferrujadas, um capacete ao lado de um diadema de ouro que já pertencera ao filho de um rei, um escudo com a insígnia de um príncipe, uma espada com o cabo incrustado de joias que valiam uma fortuna. Jaziam ali, desamparados entre os ossos desbotados sobre a grama. E a hera-terrestre espalhava suas folhas para cobri-los.

Nenhum som quebrou o profundo e terrível silêncio. Nenhum pássaro cantou, nenhum inseto zuniu. Não havia movimento de bichos da floresta entre as folhas, nem sopro de vento nas árvores. Em todo aquele lugar, apenas a sebe de espinhos parecia ameaçadoramente viva, esperando para destruir o intruso que tentasse revelar à força o segredo que guardava.

Quem havia de censurar o príncipe se, por um momento, a coragem quase lhe faltara? Não havia brechas na sebe, e os enormes espinhos eram pontiagudos como lâminas de adagas que lhe penetrassem a carne. Mas se o príncipe hesitou, não foi por muito tempo. “Cheguei até aqui e vou retornar agora?”, ele pensou. “Esses que morreram eram homens valentes e, embora tenham fracassado, com coragem semelhante à deles posso conseguir.” Sem perder mais nenhum segundo, o príncipe começou a abrir caminho por entre a sebe.

E ele então notou surpreso que aqueles espinhos que pareciam tão afiados e cruéis ficavam macios como a penugem do cardo no momento em que ele os tocava, e que os galhos rastejantes de amora-silvestre não se enroscavam nele, mas dobravam-se a seu toque como se fossem folhas de relva. A sebe se abriu diante dele e, enquanto a atravessava, botões de rosa silvestre floresciam cor-de-rosa nos galhos, até que a emaranhada muralha se transformou em uma profusão de flores.

Finalmente, o príncipe se viu do outro lado da sebe, nos jardins do castelo. À sua frente, via as altas torres e torreões banhados na luz fresca do sol da manhã, e ao correr em direção a eles percebeu que os jardins estavam desbastados e limpos, como se os jardineiros os tivessem aparado naquele mesmo instante. Não havia musgo nem ervas daninhas nas trilhas uniformes, a grama dos prados estava tão curta e firme como se tivesse sido recém-cortada, e nos canteiros tudo estava na mais perfeita ordem. As flores da primavera estavam se

abrindo, mas de cabeça baixa por sobre as hastes, e até nas árvores os galhos pareciam pender frouxos, como se elas estivessem adormecidas.

Em toda parte reinava o mesmo silêncio profundo. O ar, que deveria estar repleto dos cantos dos pássaros, estava pesado e lânguido. Não havia o bater de asas de borboletas nem o dardejar das moscas. As fontes nos gramados não jorravam, e quando o príncipe olhou por sobre a borda da bacia de mármore de uma delas, pôde ver o peixinho dourado imóvel sob as folhas de um nenúfar, sem sequer agitar a cauda ou mover as nadadeiras.

Então, seguiu pelos prados e terraços e não viu nada desperto. Mas, quando chegou ao pátio, viu um soldado parado, encostado em sua lança, com a cabeça apoiada no peito. No início, o príncipe pensou que estivesse morto, mas seu rosto estava viçoso e corado, e era fácil perceber que estava apenas dormindo. No pátio, havia outras pessoas, todas imóveis e silenciosas. Uma fileira de lanceiros estava encostada à parede e, diante deles, esticado no chão, roncava o sargento que os estivera treinando quando o feitiço se abateu sobre o castelo.Um jovem escudeiro, com um falcão adormecido no braço, dormia encostado a um cavalo igualmente adormecido, que estivera prestes a montar. Perto dele, havia um pajem com um cão na coleira, ambos dormindo tão profundamente como se nunca fossem acordar. E por uma janela do estábulo o príncipe viu um cavalariço deitado, com um pedaço de palha na boca.

No estábulo, as condições eram as mesmas. Os cavalos dormiam em suas baias com os focinhos nas manjedouras, de pé sobre as quatro patas, como estavam quando foram encantados cem anos antes, e sentado atrás deles estava o gato da estrebaria. Por toda a parte, inertes no chão, cavalariços e estribeiros dormiam profundamente sobre a palha.

Dos estábulos, o príncipe caminhou até a grande cozinha, onde viu coisas igualmente estranhas, e não pôde deixar de sorrir quando topou com uma cozinheira com a mão ainda aberta para dar um tapa na cabeça do infeliz criado a quem puxava pela orelha. No fogo, pendiam espetos com perdizes e faisões que estavam sendo preparados para a festa de aniversário da princesa, e sobre a mesa uma criada dormia com as mãos em uma grande gamela cheia de massa de farinha. Estava preparando massa de torta quando o sono se abateu sobre ela, e ao seu lado havia outra criada, que depenava uma galinha preta. Na pia, um ajudante de cozinha se debruçava sobre a panela que estava esfregando.

Então, o príncipe entrou no grande salão e viu os cortesãos adormecidos nas janelas das alcovas ou estendidos no chão lustrado. Em toda parte, o silêncio era tão profundo que o príncipe quase se alarmou ao ouvir a própria respiração, e as batidas do seu coração soaram como um tambor abafado. E ele avançou por quartos e corredores, subindo e descendo escadas, até o quarto da rainha, onde viu a rainha e suas damas de companhia tão imóveis e silenciosas quanto os demais. Uma das damas estava lendo para a rainha no momento em que o sono encantado desceu sobre o castelo, e o livro, a *História de Troia*, jazia aberto em seu colo. Depois, o príncipe entrou

nos aposentos do rei, onde Sua Majestade estava sentado com os ministros de Estado ao redor da mesa do Conselho. Ele quase permaneceu ali, porque era muito curioso ver aqueles nobres silenciosos e imóveis, como se fossem bonecos de cera em uma exposição. Alguns franziam o cenho como se estivessem imersos em pensamentos profundos, e outros sorriam como se de repente tivessem lembrado algo inteligente para dizer. O próprio rei, à cabeceira da mesa do Conselho, tinha sem dúvida adormecido no meio de um discurso, pois seu braço estava estendido sobre a mesa com um dedo em riste, e ao seu lado os dedos de seu secretário ainda seguravam a pena com que estava anotando, em um rolo de pergaminho, as palavras reais.

Então, o príncipe percorreu correndo o castelo de alto a baixo, até ter visto todos os aposentos e ter aberto todas as portas. E, ainda assim, ele sabia que havia mais para ser visto, pois em nenhum lugar ele deparara com a Bela Adormecida. Muitas donzelas ele vira de extraordinária beleza, mas seu coração lhe dizia que nenhuma delas era a donzela que ele viera despertar.

Novamente, desceu para o pátio e encontrou outra escadaria, que levava até as muralhas. Ali ficavam as sentinelas, cujo dever era vigiar o reino e reportar a chegada de viajantes, mas elas também estavam adormecidas, embora uma delas tivesse uma corneta nas mãos, como se fora tocá-la quando de repente foi vencida pelo sono mágico.

Das muralhas, o príncipe subiu, um depois do outro, cada um dos torreões, mas ali não havia absolutamente ninguém, e nenhum ser vivo além das corujas adormecidas nas frestas das paredes e dos morcegos dependurados de cabeça para baixo nos caibros. Agora, faltava apenas um pequeno torreão para ser explorado. Era o mais velho dos torreões, quase uma ruína, e via-se claramente que havia muito não era habitado, pois a porta de ferro estava enferrujada e as heras subiam pelas paredes.

O príncipe se aproximou com o coração agitado, pois sabia que ali iria encontrar o que estava procurando. Escancarou a porta, que rangeu. Com pés impacientes, subiu a doida escada em espiral, abriu a porta superior e entrou em um quartinho escuro.

E então lançou-se à frente com um grito de alegria e espanto porque, deitada no sofá, debaixo da estreita janela, ele viu a princesa.

Ela estava deitada no sofá, com seus lindos cabelos derramados como um rio de ouro. Não há palavras para dizer como era linda! Silenciosamente, o príncipe se aproximou e se curvou sobre ela. Tocou sua mão. Estava quente como se ela estivesse viva, mas ela não se mexeu. Não se lhe ouvia respirar pelos lábios entreabertos, suaves e viçosos como as pétalas de uma rosa. Seus olhos estavam fechados.

Durante um longo tempo, o príncipe ficou a contemplá-la, pois nunca em sua vida vira uma donzela tão adorável. Então, de repente, curvou-se e beijou seus lábios.

Assim terminou o encantamento. As pálpebras da princesa se agitaram. Lentamente, ela moveu a cabeça e esticou os braços. Seus olhos se abriram e ela sorriu.

“É você, meu príncipe?”, ela perguntou. “Quanto tempo você me deixou esperando!”

Nesse exato momento, o feitiço foi quebrado e o castelo despertou.

Em vez do profundo silêncio, houve agitação e uma confusão de barulhos. Relógios começaram a tocar, portas começaram a bater, cães começaram a latir, galos começaram a cantar e galinhas, a cacarejar; uma brisa passou a soprar e pôs os galhos das árvores para vergar e ranger; as pombas voltaram a arrulhar sobre os telhados, as andorinhas, a cantar sob os beirais; surgiram moscas zumbindo nas janelas, ratos guincharam atrás dos painéis de madeira nas paredes e correram ao longo dos caibros no telhado. As fontes do jardim esguicharam a vinte metros no ar, e o peixinho dourado nadou entre as folhas dos nenúfares; formigas deixaram seus formigueiros para buscar alimento nas trilhas, borboletas dançaram e esvoaçaram sobre as flores, que ergueram suas corolas como que para beber os raios de sol. Em cada árvore do jardim um melro despertou e começou a trilar; pardais piaram, corvos gritaram, chapins-azuis trinaram e felosas entoaram seu estranho canto. Nos bosques, um cuco assobiou e um melro-preto cantou para outro melro-preto na cerca-viva. Nos estábulos, os cavalos despertaram e mastigaram em suas baias; o gato saltou e correu atrás de um rato, que se escondeu debaixo da palha.A sentinela no portão do pátio despertou, esfregou os olhos e voltou depressa a ficar atenta, olhando constrangida à sua volta, porque imaginou que tinha cochilado alguns minutos e receava que alguém tivesse visto e fosse contar ao sargento. Os lanceiros também acordaram sobressaltados, e o sargento acordou e berrou uma ordem em voz alta e irritada, porque estava envergonhado por ter dormido na frente de seus homens. O jovem escudeiro, que estava para caçar, ajeitou o capacete de seu falcão e montou em seu corcel; o pajem com o cachorro correu para seu mestre. No topo da torre mais alta do castelo, a bandeira real, que estava murcha contra o mastro, ganhou corpo e flutuou livremente na brisa.

A sebe que crescera ao redor do castelo encantado desmoronou e desapareceu. Pavões gritaram e desfilaram nos prados, andorinhas foram e voltaram dos seus ninhos sob os beirais, porcos começaram a grunhir, bois, a mugir, ovelhas, a balir, corvos, a grasnar e crianças, a rir e a cantar. Enfim, todos os sons que ouvimos todos os dias, a toda hora, e nunca notamos, ressoaram, e pareciam tão altos em contraste com o silêncio mortal, que quase estouravam os ouvidos.

E em cada aposento do castelo as pessoas que tinham estado adormecidas por cem anos despertaram e continuaram a fazer exatamente o que estavam fazendo, como se nada tivesse acontecido. Na cozinha, as chamas do fogo saltaram com um silvo e um estalo. A

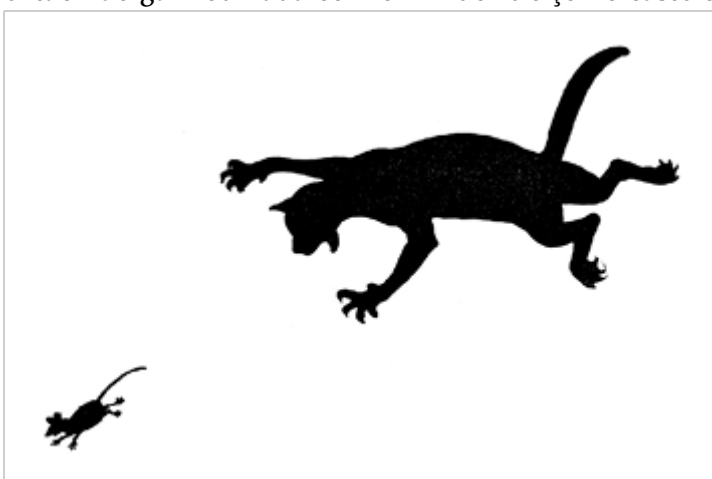
chaleira começou a ferver, a caçarola, a fervilhar e a carne, no fogo, a suar e assobiar, enquanto o menino girava o espeto.

“Tome isso”, gritou a cozinheira, dando no ajudante o tapa que prometera, cem anos antes. “Isto é por você ser preguiçoso.”

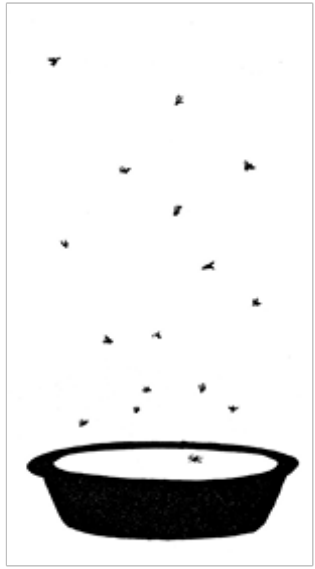
“Puxa”, bocejou a senhorita que estava depenando a galinha preta. “O que será que me fez adormecer desse jeito? Ai, ai, espero que o cozinheiro não me tenha visto.” E, olhem, como ela fez aquelas penas voarem!

Miau! Fez o gato revoltado quando deu um bote na toca do rato que estivera espreitando, porque o ratinho que pusera o focinho para fora, cem anos antes, se afastou como um raio e saiu correndo.

“Puxa vida!”, disse o criado que estava lavando a louça, “acho que dormi com essa vasilha nas mãos. Sorte que não deixei cair!” E continuou esfregando. O mesmo aconteceu na leiteria, onde as criadas adormeceram enquanto desnatavam o leite e batiam a manteiga. E o leite não estava azedo, embora um século tenha se passado, nem a manteiga estava rançosa. Mas uma mosca que dormia na borda de uma das vasilhas de leite acordou, voou para provar o leite, caiu e se afogou, então não ganhou nada com o fim do feitiço no castelo.



Na antecâmara da rainha, as damas de honra e as damas de companhia se endireitaram sentadas, bocejaram e se espreguiçaram. Cada uma pensou que fora a única a adormecer e todas começaram a explicar ao mesmo tempo que tinham apenas fechado os olhos durante um minutinho. “Foi o calor”, disseram todas, uma para a outra. “O sol está muito quente para esta época do ano.”



Na Câmara do Conselho Real, o rei e todos os ministros despertaram num sobressalto. Os ministros esfregaram os olhos e pareciam muito encabulados, pois cada um pensou que apenas ele tinha sido pego cochilando.

“Vossa Majestade estava dizendo...?”, disse o primeiro-ministro respeitosamente, inclinando-se para frente.

“Eu estava dizendo...”, disse o rei. “O que eu estava dizendo?”, e esticou os braços e bocejou. “Peço que me perdoem, milordes. Creio que adormeci. Puxa! Mas minhas juntas estão duras.”

“Foi apenas um cochilo depois da refeição”, disse o primeiro-ministro.

“Vossa Majestade está exausto da pesada caçada de ontem. Vossa Majestade deseja prosseguir com estes assuntos ou prefere suspender o Conselho até amanhã?”

“Vamos em frente, milordes, vamos em frente”, anunciou o rei, animado. “Esta cochiladinha me revigorou maravilhosamente. O que acham, vamos aprovar o projeto que estávamos discutindo minutos atrás?”

Mas, nesse momento, um pajem entrou nos aposentos com uma mensagem da rainha, e assim que a recebeu, o rei deixou seu lugar na Câmara do Conselho e foi atrás dela.

De todas as pessoas do castelo, a rainha foi a única a perceber o que havia acontecido, logo após acordar do sono encantado. Ela se lembrou das palavras da fada-madrinha e sabia que o que ela tinha previsto acontecera, e que o sono de que ela e todos no castelo haviam despertado durara cem anos.

Seu primeiro pensamento foi para sua filha, a princesa Rosa. Onde

estava e o que havia acontecido com ela? Se ela também tinha apenas adormecido, tudo estava bem, mas e se a maldição da décima terceira fada tivesse se realizado?

Em poucas palavras, ela disse ao rei tudo o que estava passando em sua cabeça e, sem perder tempo, enviou mensageiros por todo o castelo em busca da princesa.

Enquanto isso, Rosa e o jovem príncipe conversavam na torre em ruínas. Pela primeira vez, ela ouviu a história de seu encantamento, e seus olhos se arregalaram de espanto ao ouvir de seu amante o relato das estranhas coisas que tinham acontecido no castelo. Quando ele falou da enorme sebe com seus espinhos cruéis e dos muitos jovens que morreram tentando atravessá-la à força, os olhos dela se encheram de lágrimas.

“Como foram corajosos”, ela suspirou. “Ah, se eu pudesse trazê-los de volta à vida!”

Mas o príncipe enxugou suas lágrimas com um beijo e passou depressa por essa parte do relato, e agora ela estava sorrindo de novo, e feliz, porque entendeu que tudo acontecera como tinha que acontecer.

Então, o príncipe pegou em sua mão e ergueu-a do sofá onde ela dormira por tanto tempo, e eles desceram juntos a escada em espiral e foram até as muralhas, onde encontraram uma vintena de pessoas ofegantes que tinha corrido para cima e para baixo, à sua procura.

E como ficaram surpresas ao encontrá-la naquele lugar, acompanhada de um jovem que nunca tinham visto antes! Ela parecia ter ficado ainda mais linda durante seu longo sono, e eles estavam admirados com seu encanto.

E como descrever a alegria do rei e da rainha ao ver a filha novamente e compreender que a boa fada cumprira com a palavra? O rei estava tão encantado que só conseguia dizer: “Abençoada a minha alma! Abençoada a minha alma!” E a rainha não conseguiu dizer nada, pois estava chorando de alegria.

Que banquete fizeram aquela noite! Embora tivessem se passado cem anos, ainda era o aniversário da princesa, que na verdade não tinha mais do que 15 anos, pois o tempo havia parado para ela. E, por

isso, o banquete de aniversário aconteceu do mesmo modo, e também a festa de noivado, pois o rei uniu as mãos do jovem príncipe e da sua filha, e deu-lhes sua bênção.

Fim

QUEM LÊ SABE POR QUÊ

Editor
Rodrigo de Faria e Silva

Produção editorial e gráfica
Paula Loreto

Editora assistente
Gabriella Plantulli

Produção gráfica
Valquíria Palma
Daniela Marcelino Rodrigues
Camila Catto

Colaboradora
Marília Fontana Garcia

Tradução
Fernando Paz

Revisão
Ana Tereza Clemente

© SESI-SP Editora, 2015